

No meio das obras da construção, Brasília sediava há 40 anos o Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte. O arquiteto Eduardo Rossetti revela as circunstâncias que envolveram a realização do encontro — e sua importância na legitimação mundial do projeto desenvolvimentista de JK

"60 mil candangos foram necessários para debastar, cavar, estaquear, cortar, serrar, pregar, soldar, empurrar, cimentar, aplinar, polir, erguer as brancas empenas..."

— Ah, as empenas brancas!

(...)

Como se tivessem sido depositadas de manso por mãos de anjo na terra vermelho-pungente do planalto, em meio à música inflexível, à música lancinante, à música matemática do trabalho humano em progressão... O trabalho humano que anuncia que a sorte está lançada e a ação é irreversível."

Vilnius de Moraes

» EDUARDO PIERROTTI ROSSETTI
ESPECIAL PARA O CORREIO

Em 1959 uma cidade-capital se ergue de forma definitiva entre fazendas, caminhos e veredas que já cruzavam o quadrilátero do Distrito Federal, numa paisagem equivocadamente tratada como "deserto". Na paisagem revoada do cerrado do Planalto Central, a construção de um projeto de nação se efetivava por meio de um projeto urbano e arquitetônico, representando a tomada de posse e o ápice da epopéia modernizadora do Presidente Juscelino Kubitschek.

Com o suor da tenacidade dos candangos e o empenho intelectual de arquitetos, engenheiros e técnicos uma cidade-capital estava sendo construída fizesse só ou chuva, apesar da lama, da poeira, da solidão e dos desafios de toda ordem. Em 1959, o canteiro de Brasília possuía 64.000 habitantes, dos quais 19.100 estavam diretamente ocupados na construção civil.

Assim, mesmo, "em obras", Brasília recebe os participantes do Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte que promovem um debate sobre as questões da própria cidade-capital em construção. Esse congresso foi organizado entre a Associação Internacional dos Críticos de Arte — I.A.C.A. — em articulação com o Ministério das Relações Exte-

tenza, Stamo Papadakis, André Bloc, Charlotte Perriand, Françoise Choay, Jean Prouvé, André Wogenscky, William Holford, Giulio Carlo Argan, Gillo Dorfles, Alberto Sartoris e Bruno Zevi. A presença de todos eles testa a escala do interesse por Brasília, por seu plano urbanístico e por sua arquitetura, sinalizando a importância da arquitetura brasileira. Sem isolamento ou desconexão de sua qualidade, naquele momento a arquitetura moderna brasileira era a melhor arquitetura que se produzia do mundo.

No canteiro de Brasília, em setembro de 1959, já estavam prontos o aeroporto, o oratório da Ermida D. Bosco e a barragem do Lago Paranoá. Enquanto o Palácio da Alvorada e o hotel estavam impecáveis — equipados com móveis modernos, obras de arte, louças, cristais e lençóis — as obras do Palácio do Planalto, do Palácio do Congresso Nacional seguiam em ritmo acelerado, mas ainda revelavam suas estruturas de concreto, sem as esquadrias e sem os preciosos revestimentos de mármore. A plataforma do Congresso Nacional ainda estava com o madrinamento das escoras da concretagem da cúpula da Câmara, e de seus dois anexos verticais somente havia as estruturas e seus andaimes. Além dos debates das sessões temáticas do Congresso na sede do Palácio do Supremo Tribunal Federal, ainda inacabado, os congressistas também puderam admirar as estruturas metálicas dos ministérios, então implantadas numa esplanada infinita sem suas empenas brancas. Numa paisagem em construção pela ação coordenada de técnicos e operários para concretizar o Plano Piloto, os congressistas pisaram numa Praça dos Três Poderes com chão de terra batida.

Em setembro de 1959, a terraplenagem da Asa Norte estava pronta e a Plataforma Rodoviária no cruzamento dos eixos estava sendo implantada, testando os limites da pré-fabricação. Com Oscar Niemeyer, os congressistas também visitaram a Igreja de N.S. Fátima e os apartamentos das superquadras da SQS 105, projetados pelo arquiteto Helio Uchôa para o Iapi. Assim, os congressistas conheceram e experimentaram não apenas os edifícios oficiais, mas também as superquadras residenciais da futura cidade. Ao longo dos deslocamentos pelo Eixo Rodoviário, os participantes do Congresso puderam ver andaimes, fundações, ferragens à

Testemunhas da utopia



Mário Fontenelle registra o desembarque dos congressistas na capital em construção



privilégio, como o experiente Giulio Carlo Argan revelou: "Em Brasília, fomos testemunhas de uma coisa muito rara para nós, críticos de arte: o nascimento de uma cidade. Falamos sempre sobre monumentos e planos de urbanismo, mas pela primeira vez pudemos ver como um plano (urbanístico) se torna uma realidade e como nasce uma cidade".

Na sessão de abertura, Mario Pedrosa desafiou o aparato crítico dos participantes, sinalizando que eles não estavam ali para fazer apologia da cidade. Trata-se de uma provocação, pois, afinal, como os congressistas poderiam formular opiniões precisas sobre questões urbanas e arquiteturas que estavam em fase de construção ou gestando nas pranchetas, a partir daqueles três dias que vivenciamos o movimentado canteiro das obras de Brasília? Além disso, o que quer que dissessem, o grande projeto em curso não seria alterado. Em 1959, o canteiro de construção da cidade-capital, do mito e da nação está no seu ritmo máximo. A presença de tantos especialistas deste Congresso no canteiro de Brasília em 1959 deu outra significação à cidade. Brasília passou a ser vista internamente não apenas como mera expressão do desenvolvimentismo de JK.

Empréstimo de prestígio

Em 1959, nas tensões entre a cidade projetada, o canteiro de obras e a futura capital, Brasília de fato não existia como uma cidade pronta. Embora houvesse uma vida urbana transbordando no canteiro, independentemente dos hábitos e valores que também poderiam contribuir para a futura cidade, naquele momento, em 1959, havia uma utopia em processo de construção que materializaria uma cidade a ser povoada e consolidada por um outro processo, distinto de sua própria construção.

De fato, os congressistas não conseguiram ver uma cidade, porque ela ainda estava em pleno processo de construção. Mas ao conhecerem os canteiros de obras de Brasília, os congressistas comprovaram a existência da futura cidade e presenciaram a emergência do milo de um Brasil em franco processo de modernização. Assim, os renomados congressistas emprestaram seu prestígio e sua legitimidade às obras de Brasília. Suas opiniões e observações críticas então vieram

tes, dos quais 19.100 estavam diretamente ocupadas na construção civil.

Assim, mesmo, "em obras", Brasília recebe os participantes do Congresso Internacional Extraordinário dos Críticos de Arte que promovem um debate sobre as questões da própria cidade-capital em construção. Esse congresso foi organizado entre a Associação Internacional do Críticos de Arte— I.A.C.A.— em articulação com o Ministério das Relações Exteriores, para também ocorrer em outras duas cidades além de Brasília: Rio de Janeiro, São Paulo. As ações do Itamaraty estavam voltadas para legitimar Brasília e transformar a imagem do Brasil mundo afora. Por meio da atuação destacada de José Oswald de Meira Penna, o Itamaraty se tornou o grande articulador desse Congresso, um evento acadêmico idealizado por Mário Pedrosa e Oscar Niemeyer que foi transformando num evento também político, cuja abertura teve a participação de JK, Israel Pinheiro e demais autoridades.

Em 17 de setembro de 1959, com muito entusiasmo, malas, chapéus, casacos, paletós, bengalas, guarda-chuvas e máquinas fotográficas, os congressistas desembarcaram no aeroporto de Brasília. A agenda de três dias previa um roteiro de visitas às obras e aos pontos estratégicos do habitacional canteiro do Plano Piloto e seus edifícios. Nos deslocamentos de ônibus fretados entre um complexo, uma superquadra e o hotel os ilustres visitantes vislumbraram máquinas, tratores e caminhões trazendo materiais, levando e buscando candangos, barracas e acampamentos de operários, com jipes percorrendo vias de terra, areia, pedra, muita poeira e muito barulho escando na paisagem do cerrado. Naquele momento, em 1959, Brasília ainda não era uma cidade.

A participação de um seletivo grupo de arquitetos, historiadores e críticos formado por 114 participantes, representando 22 países. Nesse grupo, além das autoridades políticas, diplomáticas, jornalistas e seu personagem principal— Oscar Niemeyer— estavam agentes importantes do campo arquitetônico, tais como Will Grohman, Eero Saarinen, John

Trabacão. Com Oscar Niemeyer, os congressistas também visitaram a Igreja de N.S. Fátima e os apartamentos das superquadras da SQS 105, projetados pelo arquiteto Helio Uchôa para o Iapj. Assim, os congressistas conheceram e experimentaram não apenas os edifícios oficiais, mas também as superquadras residenciais da futura cidade. Ao longo dos deslocamentos pelo Eixo Rodoviário, os participantes do Congresso puderam ver andaimes, fundações, ferragens à mostra, formas e escoras dos blocos das superquadras na Asa Sul, que estavam em diferentes etapas construtivas.

Participação de Niemeyer

Antes de conduzir as visitas, o arquiteto Oscar Niemeyer ministrou uma palestra sobre sua arquitetura em Brasília, argumentando com a convicção que ainda hoje lhe é peculiar, sobre as qualidades espaciais, simbólicas, plásticas e estruturais dos projetos que seriam visitados. Enquanto Lucio Costa se manteve distante do embate, Oscar Niemeyer marcou sua presença participando intensamente do Congresso em Brasília. Naquele momento, Niemeyer já era um arquiteto reconhecido internacionalmente, possuía produção relevante e desenvolvia projetos extraordinários numa circunstância profissional excepcional, apontando para a inserção social e política que o arquiteto podia ocupar. O contato direto entre Niemeyer e os congressistas foi muito salutar, repercutindo nos debates de todo o Congresso. Niemeyer se mostrou acessível para discutir as questões formuladas pelo interesse difuso e crítico dos congressistas.

Durante a permanência de três dias em meio às obras, os congressistas revelaram muita curiosidade para conhecer a nova cidade e reconhecer a arquitetura que já havia sido divulgada nas revistas e nas exposições internacionais montadas pelo Itamaraty. Em geral, todos já tinham visto fotografias, maquetes e desenhos sobre Brasília. Mesmo assim, testemunhar o nascimento de uma cidade-capital era um



Cinegrafista filma a visita dos convidados internacional às obras do palácio do STF



JK discursa na abertura, enquanto Israel Pinheiro e Niemeyer acendem cigarros

De fato, os congressistas não conseguiram ver uma cidade, porque ela ainda estava em pleno processo de construção. Mas ao conhecerem os canteiros de obras de Brasília, os congressistas compreenderam a existência da futura cidade e presenciaram a emergência do mito de um Brasil em franco processo de modernização. Assim, os renomados congressistas emprestaram seu prestígio e sua legitimidade às obras de Brasília. Suas opiniões e observações críticas então deveriam alimentar e repercutir no debate externo, divulgando Brasília, o Brasil e sua arquitetura, cumprindo o objetivo de JK.

As fotografias de 1959 revelam a cidade, o cerrado e a paisagem num estado latente de transformação. Naquele momento, Brasília em obras se inscreve numa circunstância mais que ideal: entre a cidade projetada e a futura cidade. Em setembro de 1959, Brasília em obras se mostra mesmo como a própria utopia em construção, e foi isso que os congressistas e os demais visitantes viram, vivenciaram e se impressionaram. Neste sentido, o pioneiro de Brasília Ernesto Silva afirma: "...o que mais entusiasmos o estrangeiro (...). não foi o traçado urbanístico, não foi o projeto do Palácio da Alvorada, foi a vibração cívica do povo, o trabalho intenso dia e noite amassando o barro, enfrentando o sol, a poeira, a lama, o desconforto. Esse trabalho insano, diário de 24 horas por dia, para fazer uma cidade em três dias. Isso é que assombrou o mundo".

Eduardo Pierrotti Rossetti é arquiteto, doutor em arquitetura e urbanismo, pesquisador-pleno e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, onde desenvolve pesquisas de pós-doutorado. O artigo acima é uma versão adaptada para o Correio de trabalho apresentado no 8º seminário Docomomo Brasil, no Rio de Janeiro, e publicado nos anais do encontro, que teve como tema Cidade moderna e contemporânea: síntese e paradoxo das artes. As fotografias que ilustram o artigo integram o acervo do Arquivo Público do Distrito Federal.

